

## MÚSICA

Jazz que respira  
ao ar livre

Álbum do Miguel Ângelo Quarteto comenta ritmo dos lugares e das horas do dia



Uma banda que respira como uma entidade una

Por **Jorge Manuel Lopes**

Jornalista

Miguel Ângelo, contrabaixista, tem percurso na música desde os anos 1980 e as mãos no jazz a partir da década seguinte. Começou na Escola de Jazz do Porto e, até 2008, passou também pela Academia de Paços de Brandão e pela ESMAE. A primeira aparição em disco ouviu-se com o quarteto vocal Jogo de Damas, há nove anos, e neste momento já vai em mais de duas dezenas de registos. Além de partilhar o profícuo projeto MAP com o pianista Paulo Gomes e de integrar o octeto Ensemble Super Moderne, Miguel Ângelo divide-se entre música a solo ("I think I'm going to eat dessert", de 2017), o comando do trio MAU - Miguel Ângelo Utopia, e a sua formação mais ativa e duradoura, o Quarteto, com João Guimarães no saxofone, Joaquim Rodrigues no piano e Marcos Cavaleiro na bateria.

Tal como "Branco" (2013) e "A vida de X" (2016), "Dança dos desastros" volta a encher-se de composições do contrabaixista. Também regressa a artista gráfica Maria Mónica que desta vez, além da capa - cuja edição em CD, limitada, é uma peça por camadas e com

recortes -, ajudou a conceber uma espécie de jogo online a que se acede através do site de Miguel Ângelo. Tanto a capa como o jogo pintam um cenário pós-apocalíptico em tons de desenho animado, um ambiente sem representação clara na música. Segundo a críptica nota de imprensa, a dezena de temas baseia-se "em possíveis danças tradicionais, reais ou imaginárias". E se é certo que alguns títulos prometem movimentos como valsas ou viras (e cumprem, à sua maneira), é por um amanhecer panorâmico que se começa, com "Era uma vez", entre a frescura confiante do piano e a linha melódica no voo solitário do sax. Há uma sugestão de ritmo marcial na bateria e melancolia sul-americana acentuada pelos passos do contrabaixo em "Caminho dos perdidos". O lirismo invade o mais crepuscular "Soldado desconhecido", teclas e sopro num uníssono delicado. "Réquiem do insignificante" são vagas alternadas de humanismo e insubmissão. Por todo o álbum, escuta-se uma banda que respira como uma entidade una, cúmplice. ●

**Dança dos desastros**  
**MIGUEL ÂNGELO QUARTETO**  
**CARIMBO PORTA-JAZZ**